



MÁRCIA KAMBEBA E A POESIA INDÍGENA NA ESCOLA



MÁRCIA KAMBEBA AND THE INDIGENOUS POETRY AT SCHOOL

MOAMA LORENA DE LACERDA MARQUES

VANEIDE MARIA LUNA DE LIMA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 26/10/2021 • APROVADO EM 07/12/2021

Abstract

This work seeks to show the importance of the indigenous female poetry in school, highlighting its contribution to the literary, humanizing and citizen education of readers in high school classes. In order to fulfill this proposal, having as methodological approach the Basic Didactic Sequence proposed by Rildo Cosson (2009), we present reading and interpretation activities for three poems by Márcia Kambeba: *Amazonidas*, *Os filhos das águas dos Solimões* e *Ay kakyri tama: Eu moro na cidade*, which made the students observe the aesthetic quality and the identity particularities of this production. Finally, the theoretical framework includes the works of Cosson (2009), Calixto (2019), Graúna (2013), Kambeba (2018, 2020) and others.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo mostrar a importância da poesia indígena de autoria feminina em sala de aula, destacando sua contribuição para a formação literária, humanizadora e cidadã de leitores(as) em turmas do Ensino Médio. Para tal proposta, tendo como recorte metodológico a sequência didática básica proposta por Rildo Cosson (2009), apresentamos atividades de leitura e interpretação de três poemas de Márcia Kambeba: *Amazonidas*, *Os filhos das águas dos Solimões* e *Ay kakyri tama: Eu moro na cidade*, fazendo os(as) alunos(as)

observarem a qualidade estética e as particularidades identitárias dessa produção. Por fim, como fundamentação teórica, utilizamos estudos de autores como Cosson (2009), Calixto (2019), Graúna (2013), Kambeba (2018, 2020), entre outros.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Márcia Kambeba. Poetry. Indigenous Authorship. Basic Sequence. **PALAVRAS-CHAVE:** Márcia Kambeba. Poesia. Autoria indígena. Sequência Básica.

Texto integral

1. SOBRE A LITERATURA INDÍGENA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura de autoria indígena, considerada uma expressão de resistência, ainda é pouco conhecida no Brasil, sendo marcada por certos estigmas e uma tendência à redução do seu valor. Em acordo com Calixto (2019, p. 50), “ainda subsiste um preconceito literário no cânone com relação ao texto de origem indígena, sendo deixado à margem dos estudos literários, por ser considerado rudimentar ou de pouco valor estético”.

De acordo com a pesquisadora e escritora Julie Dorrico, uma das principais referências da autoria indígena hoje, começou-se a falar em uma literatura indígena brasileira por volta da década de 90 (DORRICO, 2018), o que pode ser considerado um importante aspecto político e cultural da época. É importante lembrar que a data coincide com o período imediatamente posterior à promulgação da nova Constituinte, na qual direitos indígenas foram conquistados a partir da luta de ativistas e escritores como Ailton Krenak. Contudo, essa literatura não alcançou a devida circulação e o devido reconhecimento, passando, muitas vezes, despercebida por espaços importantes, como a escola. Uma ausência grave, não só pela qualidade que essa literatura tem, mas por se configurar como uma práxis de resistência e de construção simbólica dos povos indígenas. Vejamos:

É nesse sentido que a literatura indígena não é um fim em si mesmo, senão um meio para uma práxis político-pedagógica de resistência, de luta e de formação em que as diferenças assumem protagonismo central e escrevem outras histórias do Brasil, seu passado e presente, nos convidando a pensar o país a partir de sua condição como minorias, como diferenças (DORRICO ET AL., 2018, p.12).

Hoje, embora tenha ganhado espaço nomes como o do já citado Ailton Krenak, de Daniel Munduruku e outros, autores reconhecidos e que, constantemente, aparecem na mídia e nas listas dos principais prêmios do país, ainda constatamos pouca circulação da autoria indígena, especialmente a feminina. É urgente, portanto, a sua inclusão como projeto cultural e político em nossas

escolas e não apenas naquelas consideradas indígenas. Para um povo entender sua cultura, é fundamental que ouça, leia e aprenda sobre ela. De acordo com Calixto:

De modo geral, o mote principal da literatura de autoria indígena diz respeito a uma autoafirmação e a uma resistência da própria etnia frente ao frequente apagamento por parte da sociedade etnocêntrica. Há uma literatura de afirmação, pois ocorre o anseio de se afirmar como indígena perante o cenário público (CALIXTO, 2019, p. 51).

Para o fortalecimento dessa autoafirmação, a produção de mulheres tem um papel inquestionável, por meio de nomes como os de Graça Graúna, Julie Dorrico e outras, que trazem, em seus textos, aspectos da cultura e da identidade dos seus povos, com destaque para uma voz de resistência feminina. As duas, inclusive, além de escreverem literatura, são estudiosas de referência da produção indígena. Graça Graúna, por exemplo, define a literatura indígena contemporânea da seguinte forma:

[...] a literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones (GRAÚNA, 2013, p. 15).

Nas palavras da referida escritora, vislumbramos a importância dessa literatura, sua história e como ela tem se preservado ao longo dos anos; importância esta que nos leva a pensar na sua imprescindível presença em sala de aula, como nos mostra Janice Thiél em **A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural**:

Ao inserirmos a literatura indígena na sala de aula, ao contarmos histórias escritas sob a perspectiva das diversas comunidades indígenas aos nossos alunos e, em especial, às crianças e jovens, possibilitamos que as leituras funcional, recreativa, reflexiva, inspiradora e formativa sejam promovidas. Desta forma, como educadores, motivamos o crescimento de leitores mais competentes, multiculturais e multiletrados, bem como o desenvolvimento de cidadãos que reconhecem a importância das diferenças, valorizam e conhecem a si mesmos e aos outros (THIÉL, 2013, p. 1188).

Sabemos que tal literatura, como centralidade, traz a História e a cultura de sujeitos que sempre lutaram para afirmarem suas etnias. É uma literatura que tem se empenhando em reivindicar direitos, a fim de “denunciar as mazelas dispensadas aos povos originários” (CALIXTO, 2019, p. 51), e em abordar aspectos, como as narrativas tradicionais, que fazem com que o aluno se aproxime da cultura indígena. Ainda em acordo com Calixto, temos que:

Há tanto poemas quanto narrativas, que partem muitas vezes de histórias contadas oralmente e que foram transmitidas de geração em geração ao longo de muitos anos, séculos, configurando-se como um legado cultural para a humanidade. (CALIXTO, 2019, p. 52).

Existe, portanto, uma multiplicidade de gêneros e abordagens dentro do texto de autoria indígena, que podem ser utilizados como base para o letramento dos(as) alunos(as) nas salas de aulas, configurando-se como uma literatura que apresenta forte legado cultural e que, além disso, “confirma a sua importância para os estudos literários.” (CALIXTO, 2019, p. 52).

Outro elemento que deve ser mencionado é o seu compromisso com a oralidade, visto que foi através desta que as novas gerações passaram a ter o conhecimento de sua cultura e ancestralidade. “Foi desta forma que parte do conhecimento dos nossos antepassados chegou até nós [...], fortalecendo em nós o sentido de ser indígena”. (HAKIY, 2018, p. 38). A oralidade foi o principal meio utilizado pelo indígena para que seus conhecimentos fossem transmitidos. Como enfatiza Hakiy, compreendemos que:

Esta literatura tem contornos de oralidade, com ritos de grafismos e sons de floresta, que tem em suas entrelinhas um sentido de ancestralidade, que encontrou nas palavras escritas, transpostas em livros, não só um meio para sua perpetuação, mas também para servir de mecanismo para que os não indígenas conheçam um pouco mais da riqueza cultural dos povos originários (HAKIY, 2018, p. 38).

O autor nos mostra, por meio dessa citação, as marcas que a literatura indígena possui, apontando também que elas ficaram ainda mais fortes por meio da escrita. Esta, além de servir de mecanismo para os não indígenas, que terão a oportunidade de conhecer um pouco sobre a cultura indígena brasileira, servirá para as novas gerações originárias saberem mais sobre sua cultura e ancestralidade; uma ancestralidade, aliás, que é lugar de fala, como bem nos diz Julie Dorrico (2018, p. 230), fazendo-nos perceber que os autores e as autoras indígenas reivindicam

protagonismo “em nome das suas ancestralidades, sem mediação alheia” (DORRICO, 2018).

Compreendemos, então, até aqui, que essa literatura revela um sentimento de resistência e sobrevivência, além de exprimir o direito do indígena à palavra, tanto oral quanto escrita, a denúncia ao neocolonialismo e à opressão linguística e cultural (GRAÚNA, 2013). Graça Graúna reforça também, em convergência com Hakiy (2018), o importante papel que o rumo que a literatura indígena escrita traçou: “Ao tomar o rumo da escrita no formato de livro, os mitos de origem não perdem a função, nem o sentido, pois continuam sendo transmitidos de geração em geração, em variados caminhos.” (GRAÚNA, 2013, p. 172).

Com tal rumo, essa literatura se torna mais acessível ao público, permitindo que todo leitor tenha conhecimento sobre ela e, conseqüentemente, sobre a cultura indígena. “Com a escrita nasce a “literatura indígena”, uma escrita que envolve sentimento, memória, identidade, história e resistência.” (KAMBEBA, 2018, p. 39). A escrita tornou-se uma ferramenta de fundamental importância para a cultura indígena; a partir dela, todos os registros dos conhecimentos que eram transmitidos pela oralidade foram facilitados, permitindo, assim, o reconhecimento da sua literatura. Vejamos:

Os povos indígenas há tempos vêm sofrendo com a falta de conhecimento da sociedade sobre quem são e como vivem. Na busca de manter sua cultura viva procuram conhecer a educação que vem das Universidades e fazem desse conhecimento uma ferramenta não apenas de registro, mas também de informação. Compreendem que é preciso escrever para estabelecer possibilidades de pensamento reflexivo, percebem a literatura como um instrumento de crítica e de compreensão de uma cultura que é receptiva e a utilizam para dar visibilidade à sua luta e resistência (KAMBEBA, 2018, p. 40).

A escrita tem sido, portanto, um fator primordial para a cultura e a literatura indígenas, visto que carrega em si a história de vida, identidade e espiritualidade de seus povos. “A cada dia perdemos um ancião e com ele muito do que sabia de ensinamentos sobre o povo se acaba [...] sem registro há um sério risco de não se ter o que repassar para as futuras gerações” (KAMBEBA, 2018, p. 43). Por isso, escrever é necessário.

2. SOBRE MÁRCIA KAMBEBA

Indígena do povo Omágua/Kambeba, nascida em 1979 na aldeia Belém do Solimões (AM), do povo Tikuna, onde viveu até os oito anos, Márcia Vieira da Silva,

mais conhecida como Márcia Wayna Kambeba¹, é mestra em Geografia pela Universidade federal do Amazonas, além de escritora, poeta, compositora, fotógrafa e ativista. Como autora, publicou os livros **Ay kakyri tama: Eu moro na cidade** (2013), **O Lugar do saber** (2020) e **Saberes da floresta** (2020). A fim de ouvir a sua voz, destacamos um trecho de sua entrevista concedida ao jornal O Globo:

O meu trabalho é litero-musical. Faço composições em tupi e em português. Escrevo poesias que trazem um olhar ambiental, geográfico, indígena e cultural voltado para a valorização da cultura e da informação sobre os povos indígenas. Como vivem, onde vivem, como estão? E como querem ser conhecidos e compreendidos? Através da poesia, temos a chance de conversar e informar nosso leitor, não só o público adulto, mas também o infante-juvenil. Atualmente, meus poemas estão em várias escolas. Também escrevo contos poéticos que rimam do início ao fim, com música no meio. Aposto muito na educação. Sou mestra em Geografia Cultural, a primeira do meu povo (KAMBEBA, 2017).

Influenciada pela avó, que era professora e poeta, Márcia criou seus primeiros versos aos quatorze anos de idade. Neles, chama atenção para a violência que os povos indígenas têm sofrido ao longo dos anos, bem como para os conflitos e preconceitos gerados pela vida na cidade. Márcia reforça, por exemplo, em seu poema *Território ancestral*, que viver na cidade não tira o direito do indígena ser quem é. Ela exalta, ainda, a importância da cultura para aqueles indígenas que estão desaldeados (moram na cidade), aprofundando-se no tema em outro poema, *Ay kakyri tama: Eu moro na cidade*, que leva o mesmo nome do livro.

Referente ainda ao desaldeamento, Márcia Kambeba diz, na penúltima estrofe de *Eu moro na cidade*, que o convívio com a sociedade não lhe modificou a “cara de índia”, nem tampouco lhe fez perder sua essência, mostrando que o indígena tem sua própria cultura, mesmo vivendo no meio de um povo com uma cultura diferente da sua. Ela deixa evidente que o indígena pode ser o que o homem branco é sem abrir da sua identidade, instância não negociável. Vejamos:

Em convívio com a sociedade,
Minha cara de “índia” não se transformou,
Posso ser quem tu és,
Sem perder a essência que sou
(KAMBEBA, 2013, p. 23)

¹ Informações obtidas em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/poeta-indigena-que-luta-pelos-direitos-da-mulher-nas-aldeias/> Acesso em: 25 abr. 2021.

A autora também demonstra um interesse pela luta das mulheres indígenas, denunciando os abusos que elas têm sofrido por parte de alguns homens brancos, “senhores de terras”. Além de mostrar a importância da mulher dentro da aldeia, vem lutando para que seus direitos sejam garantidos, fazendo com que a voz de resistência feminina indígena ecoe. Em seu poema *Amazonidas*, por exemplo, retrata a força feminina indígena, exaltando a sua ancestralidade. Logo na primeira estrofe, ela registra: “Somos filhas da ribanceira/Netas de velhas benzedeadas/Deusas da mata molhada/Temos no urucum a pele encarnada.” (KAMBEBA, 2019).

A relação com a natureza, parte inestimável dessa força, é potencializada nas estrofes seguintes, especialmente quando a compara a de um animal do porte de uma onça pintada: “Temos a força da onça pintada/Lutamos pela aldeia amada.” (KAMBEBA, 2019). Por fim, há ainda, nos versos, a reivindicação de um lugar primeiro e primordial na construção do país, quando a voz lírica lembra que “O Brasil começou bem aqui...” (KAMBEBA, 2019). E, para finalizá-los, não deixa esquecer que essa voz que ecoa, no coletivo, é marca de uma Resistência com “R” maiúsculo, antiquíssima e contramola que enfrenta o colonizador: “E vivemos a certeza de que nossa aldeia/Resistirá sempre ao preconceito do invasor,/Somos a voz que ecoa. Resistência? Sim senhor!” (KAMBEBA, 2019).

Além de retratar o indígena desaldeado e a luta pelos direitos da mulher indígena, bem como sua importância dentro da aldeia, Márcia nos chama a atenção, em sua poesia, para o valor que as águas têm e como são vistas por seu povo: “[...] escutar o rio além de se caracterizar como um momento ritualístico era uma forma de intimidade e territorialidade com o mundo das águas. A água tem poder de cura na cultura indígena. Muitos rituais acontecem perto do rio” (KAMBEBA, 2020, p. 13).

No poema *Os filhos das águas dos Solimões*, entende-se que as águas do rio são tidas como uma mãe que sustenta seus descendentes, sendo consideradas responsáveis por alimentar os seres vivos. É nas águas que os pescadores fazem estrada para tirar seu sustento e garantir o pão de cada dia: “A água é a mãe que sustenta/A vida que nasce como flor/Alimenta a planta e o ser/vivente. É estrada onde anda o pescador.” (KAMBEBA, 2013, p. 47).

As perspectivas temáticas que citamos acima, por meio dos versos, são as que encontramos de maneira recorrente na produção de Márcia Kambeba e foram justamente elas que usamos para sugerir as atividades de mediação da sua poesia em turmas do Ensino Médio.

3. A POESIA DE MÁRCIA KAMBEBA NA ESCOLA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em relação aos procedimentos metodológicos que serão utilizados em sala de aula, seguiremos as orientações de Rildo Cosson (2009) referentes a sua proposta de letramento literário a partir de sequências didáticas, sendo elas a básica e a expandida, que servem como suporte para que o(a) professor(a) tenha autonomia em organizar suas aulas de forma criativa e dinâmica, ajustando o modelo didático

conforme a realidade de suas turmas. O autor, por sua vez, esclarece que essas sequências não devem, necessariamente, ser seguidas na íntegra, como se fossem um modelo obrigatório. “Consideramos essas duas sequências exemplares e não modelares [...] que sejam vistas como exemplos do que pode ser feito e não modelos que devem ser seguidos cegamente.” (COSSON, 2009, p. 48). São possibilidades que podem ser utilizadas nas salas de aulas de forma estratégica.

Dito isso, adotamos, para elaboração da nossa proposta, a sequência didática básica. Essa sequência é dividida em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Na primeira etapa, motivação, o(a) professor(a) preparará o aluno para o(s) texto(s)/a(s) obra(s) que será(ão) trabalhada(s) posteriormente; ele(a) poderá fazer uso de vídeos, músicas, contos, que tenham relação com o texto literário escolhido, para, assim, motivar a turma. O momento da motivação, segundo Cosson (2009), não deverá passar de uma aula, porém deve ser muito bem aproveitado por meio dos recursos utilizados para despertar o interesse pela proposta. Uma boa motivação faz com que o(a) aluno(a) se interesse pelo texto, lembrando que ela não deve antecipar a leitura, mas tem que ser bem relacionada com o que será lido para que, assim, haja uma boa relação entre texto/leitor. Sobre isso, Cosson (2009, p. 54) diz: “O sucesso inicial para o encontro do leitor com a obra irá depender de uma boa motivação”.

Na segunda etapa, que é a introdução, é fundamental que seja realizada uma breve apresentação do(a) autor(a), apontando informações básicas para que a turma tenha um conhecimento introdutório a respeito dele(a) e realizando uma apresentação da obra, bem como justificando sua escolha. Nesse momento, é interessante que o(a) professor(a) proporcione à turma, sempre que possível, um contato físico com o livro, chamando a atenção para a capa, contracapa, fotografia do(a) autor(a), caso haja, entre outros aspectos que produzem sentidos. Essa segunda etapa tem o objetivo de permitir ao aluno uma boa recepção da obra.

Na terceira, que se refere à leitura, é importante ressaltar o acompanhamento do(a) professor(a) durante todo o processo, porque é a partir daí que perceberá as dificuldades dos(as) alunos(as), auxiliando-os(as) a alcançar um melhor aprendizado. “A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista” (COSSON, 2009, p. 62).

Sendo a interpretação a última etapa da sequência didática, é necessário que haja bastante atenção na realização da sua mediação, buscando sempre a construção compartilhada dos sentidos do texto. Esse processo é dividido em duas fases: momento interno e momento externo. No momento interno, é realizado o encontro do leitor com a obra, “esse encontro é de caráter individual e compõe o núcleo da experiência da leitura literária [...] ele não pode ser substituído por nenhum mecanismo pedagógico” (COSSON, 2009, p. 65). No momento externo, o discente partilha o conhecimento adquirido no processo de leitura que fora realizado, o que serve à concretização da interpretação realizada no ato da leitura. Cosson (2009) afirma que os sentidos construídos individualmente são ampliados, porque o compartilhamento permite que os leitores possam entender que fazem parte de uma coletividade ampliada através dos horizontes de leitura.

Considerando que sugerimos o uso da sequência didática básica, as atividades serão marcadas pela leitura e interpretação dos poemas de Márcia Wayna

Kambeba, devendo ser executadas em dez aulas. Para elas, selecionamos três textos: *Amazonidas*, *Os filhos das águas dos Solimões* e *Ay kakyri tama: Eu moro na cidade*. É importante ressaltar que, para cada momento de análise, será utilizada uma chave de leitura como estratégia de estudo do poema, o que mobilizará a construção dos sentidos.

A primeira aula, dedicada à motivação, instigará nos(nas) alunos(as) a curiosidade referente aos poemas que serão trabalhados posteriormente. Na segunda, é importante que se realize a apresentação da poeta e da literatura desta, justificando suas escolhas e, se possível, possibilitando à turma um contato físico com a obra. Na terceira e na quarta aulas, deve-se programar o início do processo de leitura; para tanto, indicamos o uso do poema *Amazonidas* e a discussão, por meio de rodas de diálogo, da importância da mulher indígena dentro e fora da aldeia, destacando, no estudo do poema, os recursos composicionais utilizados.

Na quinta e na sexta aulas, haverá a continuidade do processo de leitura, fazendo uso do poema *Os filhos das águas dos Solimões*, que retrata a importância das águas para os povos originários. Na sétima e na oitava, sugerimos o poema *Ay kakyri tama: Eu moro na cidade*, que nos fala sobre a questão do indígena desaldeado.

A nona aula poderá ser dedicada à ampliação do conhecimento da autoria feminina indígena para além de Márcia Kambeba. Para tanto, na semana anterior, o(a) professora(a) terá direcionado pesquisas sobre outras poetisas indígenas e suas respectivas obras. Essa atividade deverá ser realizada em grupos, com os(as) alunos(as) apresentando os resultados da pesquisa. No momento da apresentação, cada grupo terá liberdade de usar o material que desejar para a socialização das informações junto à turma. Por fim, o último encontro será destinado à avaliação da proposta. No quadro abaixo, apresentamos uma síntese dela, cujas atividades serão detalhadas logo a seguir.

Quadro 1– Planejamento da proposta de mediação

Atividades	Materiais	Objetivo	Carga horária
<i>Motivação</i>	Objetos indígenas tradicionais: chocalho, arco, cocar, colar, saia de palha, arupema, etc. Vídeo <i>Voz das mulheres indígenas</i> .	Mobilizar o interesse dos(as) alunos(as) acerca da proposta e introduzir temáticas abordadas na poesia de Márcia Kambeba, com destaque para a voz da mulher indígena.	1 aula²
<i>Apresentação da poeta</i>	Um vídeo com a poeta Márcia Kambeba.	Fazer com que os alunos tenham conhecimento tanto da poeta quanto de sua obra e da sua luta política.	1 aula

² Estamos considerando aulas de 45 minutos cada.

<i>Leitura e Interpretação</i>	Os poemas <i>Amazonidas; Os filhos das águas dos Solimões; Ay kakyri tama: Eu Moro na cidade</i>	Promover a construção de sentidos do texto poético, atentando-se para aspectos culturais e identitários da vida da mulher indígena, bem como para aspectos estruturais do poema.	6 aulas
<i>Pesquisa sobre poetas indígenas</i>	As mais diversas fontes, especialmente as virtuais, tendo em vista que livros de literatura e críticos, sobretudo de autoria indígena, não são de fácil acesso para os(as) alunos(as).	Fazer com que os(as) alunos(as) entrem em contato com outras poetas indígenas, de modo a conhecer mais sobre essa produção.	1 aula
<i>Avaliação da Proposta</i>	Questionário	Verificar os resultados alcançados, incluindo questões relativas à autoavaliação (discente e docente).	1 aula

Fonte: Elaborado pelas autoras

3.2 PROPOSTA DE ATIVIDADES

3.2.1 Atividade de motivação

Como motivação para as leituras dos poemas *Amazonidas, Os filhos das águas dos Solimões* e *Ay kakyri tama: Eu moro na cidade*, sugerimos levar alguns objetos acessíveis de uso recorrente de alguns povos indígenas: chocalho, arco, cocar, colar, saia de palha, arupema, etc. A ideia é despertar, desde já, o interesse e a curiosidade acerca do que será proposto na aula, realizando as seguintes perguntas: Vocês reconhecem esses objetos? O que representam e qual sua importância na cultura indígena? O indígena, mesmo não fazendo uso desses objetos, deixa de sê-lo?

A discussão que essas questões podem levantar já ajuda a pensar sobre elementos identitários e a quebra de estereótipos; após ela, sugerimos fazer um grande círculo, assim a turma se sentirá acolhida e terá mais liberdade para falar; em seguida, indicamos a exibição do vídeo *Voz das mulheres indígenas*³, que retrata a importância destas dentro e fora das aldeias. Nele, falam abertamente sobre o que têm enfrentado durante anos para poder ter sua voz ouvida. São mulheres de diferentes etnias, de diferentes lugares, cada uma lutando para ter espaço também na sua cultura.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ari7A3zkbs0> Acesso em 25 abr. 2021.

Após o vídeo, o(a) professor(a) pode pedir para que os(as) alunos(as) manifestem suas opiniões relacionadas ao que assistiram. Caso as aulas sejam ministradas em escolas indígenas, como é o caso da nossa, que se encontra em uma cidade rodeada por quinze aldeias, perguntas sobre o papel da mulher indígena em suas respectivas comunidades podem ser feitas, a exemplo das seguintes: Quais papéis as mulheres costumam exercer nas suas aldeias? Como elas têm sido vistas pelos outros moradores das aldeias? O que elas têm feito para serem ouvidas e atendidas? Há alguma associação/algum coletivo que incentive essas mulheres a lutarem por seus direitos? Há alguma mulher como representante indígena (cacique) em alguma aldeia? Se não, quais vocês pensam serem as razões para essa ausência?

Finalizada a discussão, ao término dessa primeira etapa da sequência básica, os(as) alunos(as) poderão ficar encarregados de pesquisar sobre a autora Márcia Kambeba, visto que será o assunto da próxima aula. Eles(as) serão orientados a realizarem pesquisas em fontes virtuais, por meio de entrevistas com a escritora, de resenhas sobre a sua obra, entre outros meios.

3.2.2 Apresentando Márcia Kambeba

De acordo com o modelo proposto por Cosson (2009), a introdução é o momento de apresentar o(a) autor(a) e sua obra. De início, deverá ser perguntado aos(as) alunos(as) se fizeram a pesquisa relacionada à poeta, já que, em aula anterior, fora solicitada. De acordo com suas respostas, é importante questionar o que mais lhes chamou a atenção em relação à autora e, em seguida, exibir um vídeo com ela; sugerimos um depoimento⁴ gravado durante o evento Mekukradjá Círculo de Saberes de Escritores e Realizadores Indígenas, em setembro de 2016, em São Paulo. De curta duração (10 minutos), nele, Márcia Kambeba fala sobre sua vida, suas lutas, as lutas indígenas e suas obras.

A partir daí, deverá ser realizada uma breve apresentação da autora, visto que Cosson esclarece que é importante evitar uma “longa e expositiva aula sobre a vida do escritor, com detalhes biográficos que interessam a pesquisadores, mas não são importantes para quem vai ler seus textos” (COSSON, 2009, p. 60). Além disso, acreditamos que a melhor maneira de conhecer um(a) escritor(a) é dando a conhecer os seus textos.

3.2.3 Atividades de leitura e interpretação

Após a introdução, serão realizadas a leitura e a interpretação, para as quais sugerimos reservar seis aulas de quarenta e cinco minutos cada, abordando um poema a cada duas aulas. Essas atividades poderão ser feitas por meio de rodas de diálogo, com os(as) alunos(as) em círculo e a leitura sendo dividida em três

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=maZLixWP4Yw&t=24s> Acesso em 25 abr. 2021.

momentos: primeiro, uma leitura individual e silenciosa; depois, a leitura feita pelo(a) professor(a) e, em seguida, solicitando que os(as) alunos(as) se voluntariem para cada um(a) ler uma parte/estrofe.

Para que os(as) alunos(as) possam efetuar as leituras, é indicado que sejam disponibilizadas cópias dos poemas. A partir do momento que estas forem entregues, é de suma importância que seja combinado/determinado um tempo para que a leitura seja consolidada. “Ao indicar o texto, é conveniente que o professor negocie o período necessário para que todos realizem a leitura”. (COSSON, 2009, p. 63). Sendo assim, após essa primeira leitura, o(a) professor(a) efetuará uma segunda, na qual os(as) alunos(as) deverão se atentar ao ritmo “solicitado” pelo poema quanto a sua musicalidade para que, quando for realizada a leitura oral por parte da turma, não descuidem do elemento melódico.

A última etapa do letramento literário apontada por Cosson consiste na interpretação, momento em que a turma terá a liberdade de externar as reflexões realizadas no ato da leitura. “O momento externo é a concretização materialização da interpretação como ato na construção de sentido” (COSSON, 2009, p. 65).

De modo a mobilizar a interpretação, a ser realizada logo após a leitura de cada poema, é aconselhável que o(a) professor(a) eleja uma “chave de leitura”, que corresponde a algum aspecto de destaque do poema considerado adequado para iniciar a elaboração de sentidos: o título, um recurso estilístico, um verso, o tema central, entre outros. Tendo em vista que os poemas de Márcia são escritos em torno da cultura indígena, indicamos três que, como discutido anteriormente, têm temáticas recorrentes na literatura da autora. Sugerimos começar por *Amazonidas*, que segue, agora na íntegra, abaixo:

Somos filhas da ribanceira
Netas de velhas benzedadeiras,
Deusas da mata molhada,
Temos no urucum a pele encarnada,

Lavando roupa no rio, lavadeiras,
No corpo o gingado de carimbozeiras,
Temos a força da onça pintada,
Lutamos pela aldeia amada,

Mas, viver na cidade não tira o direito de ser,
Nação, ancestralidade, sabedoria, cultura,
Somos filhas de Nhanderú, Senerú, Nhandecy
O Brasil começou bem aqui...

Não nos sentimos aculturadas,
Temos a memória acesa,
E vivemos na certeza de
que nossa aldeia Resistirá
sempre ao preconceito do
invasor, Somos a voz que
ecoa. Resistência? Sim
senhor!
(KAMBEBA, 2019)

Considerando que nosso objetivo com ele é discutir a existência e a resistência da mulher indígena, indicamos como chave de leitura seu verso final: “Somos a voz que ecoa. Resistência? Sim senhor!”. Para a reflexão, a turma pode ser dividida em duplas, que terão 30 minutos para conversar sobre o poema. Durante esse tempo, o(a) professor(a) irá acompanhá-los(as) para sanar eventuais dúvidas e incentivar o diálogo. As questões pensadas para essa discussão são as seguintes:

1. Que voz é essa que ecoa no poema? O que essa voz registra no último verso?
2. Como a mulher indígena é retratada nesse poema?
3. Por que a força da mulher é comparada com a força da onça pintada? Explique.
4. Qual a relação desse poema com o vídeo *Voz das mulheres indígenas*?
5. Você sabe o que é ancestralidade? Em qual (quais) verso(s) podemos considerar a presença da ancestralidade da mulher indígena?
6. O que o último verso da terceira estrofe diz sobre a História do Brasil?
7. O poema é bastante musical. Cite recursos nele utilizados que você considera contribuir para a construção desse aspecto.

Após realizarem a discussão interna e responderem as respectivas questões, o docente fará a mediação, selecionando as duplas para que possam externar suas respostas e as impressões possam ser compartilhadas com toda a turma, permitindo uma leitura/interpretação solidária.

Nos dois encontros seguintes, será analisado o poema *Os filhos das águas dos Solimões*. Dessa vez, pensando na chave de leitura sugerida, que é o próprio título e que aponta para o tema central, indicamos a exibição de um vídeo onde Shirley Krenak⁵ discute a importância do rio para o povo indígena.

Logo em seguida, ainda sob o efeito da voz da referida escritora, alguns minutos devem ser reservados a fim de que os(as) alunos(as) realizem uma leitura silenciosa do segundo poema, para que tenham o primeiro contato com este e o relacionem ao vídeo. Após esse contato, novamente poderá ser realizada a leitura feita pelo(a) professor(a) e a leitura compartilhada em voz alta pela turma, com diversos(as) alunos(as) lendo partes do poema, que segue abaixo:

A água é a mãe que sustenta
A vida que nasce como flor
Alimenta a planta e o ser vivente

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gXRQUkv1cAY> Acesso em 28 de abri. de 2021

É estrada onde anda o pescador.

Na enchente, vem veloz e furiosa
Derrubando ribanceiras e plantações
Afeta a vida do indígena e ribeirinho
É um ciclo, que se renova a cada estação.

Na vazante o rio quase some
E a praia começa a surgir
A água, agora bem calminha
Não tem forças para a roça destruir.

Nas margens de um rio em formação
Vive um povo que a água fez nascer
Em um parto de dor e emoção
Na várzea o Kambeba escolheu viver.

Mas em um contato fatal
Com um povo mais socializado
Fez dos herdeiros das águas
Um povo desaldeado.

Tomando seu solo sagrado
Sem dor, piedade ou compaixão
Os Kambebas foram escravizados
Apresentados a “civilização”
Exploraram a sua força
Forjando uma falsa proteção.
(KAMBEBA, 2013, p. 47)

Realizadas as leituras, a turma deverá ser dividida em grupos, para os quais serão distribuídas questões de abordagem do poema previamente elaboradas pelo(a) professor(a), lembrando que, nelas, almejamos observar questões tanto temáticas quanto estilísticas. Vejamos:

1. Quem são “Os filhos das águas dos Solimões”?
2. Constatamos, no título, a repetição da consoante “s”? Que figura de linguagem ela determina? Quais efeitos sonoros ela causa?
3. Qual a relação dos Kambeba com as águas já sinalizada no título?
4. Em quais versos podemos encontrar a relação entre a água e a terra? Qual relação é essa e que importância há nela?
5. Que contexto histórico é apontado nas duas últimas estrofes? Quais suas consequências para os Kambeba?
6. Qual a relação da fala de Shirley Krenak conferida no vídeo exibido com o poema *Os filhos das águas dos Solimões*, de Márcia Kambeba?

Considerando que para trabalhar o poema citado a turma estará dividida em grupos, cada um deles poderá ficar responsável por apresentar as discussões de uma questão. Para tal, esta será informada previamente pelo o(a) professor(a). Isso permitirá que a elaboração de sentidos seja feita de maneira coletiva.

Para a efetivação da interpretação do terceiro poema, que tem como título *Ay kakuyri tama: Eu moro na cidade*, deixamos como chave de leitura o verso “Esta cidade também é nossa aldeia”. Entendemos que ele despertará na turma certa curiosidade em querer entender o porquê de a cidade ser considerada pelo indígena desaldeado uma aldeia. Vejamos o poema:

Ay kakuyri tama.
Ynuu tama verano y tana rytama.
Ruaia manuta tana cultura ymimiua,
Sany may-tini, iapã iapuraxi tanu ritual.

Tradução:
Eu moro na cidade
Esta cidade também é nossa aldeia,
Não apagamos nossa cultura ancestral,
Vem homem branco, vamos dançar nosso ritual.

Nasci na Uka sagrada,
Na mata por tempos vivi,
Na terra dos povos indígenas,
Sou Wayna, filha da mãe Aracy.

Minha casa era feita de palha,
Simples, na aldeia cresci
Na lembrança que trago agora,
De um lugar que eu nunca esqueci.

Meu canto era bem diferente,
Cantava na língua Tupi,
Hoje, meu canto guerreiro,
Se une aos Kambeba, aos Tembê, aos Guarani.

Hoje, no mundo em que vivo,
Minha selva, em pedra se tornou,
Não tenho a calma de outrora,
Minha rotina também já mudou.

Em convívio com a sociedade,
Minha cara de “índia” não se transformou,
Posso ser quem tu és,
Sem perder a essência que sou,

Mantenho meu ser indígena,

Na minha Identidade,
Falando da importância do meu povo,
Mesmo vivendo na cidade.
(KAMBEBA, 2013, p. 23)

As questões que nortearão a interpretação poderão ser as seguintes:

1. No verso “Esta cidade também é minha aldeia”, encontramos a discussão central do poema. Que discussão é essa?
2. Há o registro de duas línguas no poema. Que línguas são essas? O que a utilização das duas pode sugerir no poema?
3. De quem se trata o “eu lírico” do poema? Como você o caracterizaria?
4. O que a proposta lançada no verso “Vem homem branco, vamos dançar nosso ritual” sinaliza do convívio entre indígenas e não indígenas?
5. Em qual (quais) verso(s) podemos identificar uma união entre povos indígenas de diferentes etnias?
6. Na penúltima estrofe, a autora fala do convívio com a sociedade. Como é possível que o indígena se relacione com ela mantendo sua identidade? O poema mostra respostas nesse sentido? Se sim, quais?

Essas questões deverão ser abordadas de forma compartilhada na turma, para isso, o(a) professor(a) irá ler cada questão e incentivar os(as) alunos(as) a comentar suas impressões, assim, além do(a) professor(a) ter acesso à interpretação e ao ponto de vista dos(as) alunos(as), estes(as) também saberão o ponto de vista de seus colegas, o que lhes proporcionará uma efetiva troca de conhecimentos, como fora feita no estudo dos poemas anteriores.

As questões apresentadas nos três poemas farão com que os(as) alunos(as) realizem reflexões acerca dos temas abordados. O papel do(a) docente, nesse momento, é de inquietá-los(as) sobre suas experiências com os textos poéticos abordados.

Para a elaboração das questões apresentadas para cada poema, foram levados em consideração tanto os aspectos formais quanto aspectos conteudísticos e contextuais, fazendo com que o(a) aluno(a) consiga entrar em contato com todo o potencial do texto poético. É perceptível que essa relação/esse contato com a potencialidade do texto demonstra como a função humanizadora da literatura faz diferença na vida do(a)aluno(a)/leitor(a).

Segue, abaixo, uma síntese da nossa proposta de abordagem dos textos.

Quadro 2 - Planejamento da abordagem dos poemas

Poemas	Tema	Chave de leitura	Objetivos
--------	------	------------------	-----------

<i>Amazonidas</i>	A resistência da mulher Kambeba	O último verso	Observar aspectos da existência (ancestralidade) e da resistência (voz) da mulher Kambeba.
<i>Os filhos das águas dos Solimões</i>	Importância das águas do rio doce para a vida Indígena.	O título	Valorizar a importância das águas do rio doce para o povo indígena não apenas pelo viés da beleza natural, mas pelo aspecto sagrado.
<i>Ay kakyri tama</i> [Eu moro na cidade]	A identidade do indígena desaldeado.	O verso “Esta cidade também é nossa aldeia.”	Conhecer questões identitárias do indígena que vive na cidade (desaldeado), compreendendo que o fato de não estar na aldeia não faz dele menos indígena do que os demais, nem um aculturado, visto que sua cultura está sempre onde ele estiver.

Fonte: Elaborada pelas autoras

3.2.4 Pesquisa e avaliação final

Neste momento, depois de um contato contínuo com a autoria feminina indígena e, especialmente, com os poemas da poeta Márcia Kambeba, será pedido aos(as) alunos(as) que realizem uma pesquisa sobre outras autoras indígenas. Para tanto, a turma será dividida em grupos. Cada grupo ficará responsável por pesquisar sobre uma autora (essa escolha acontecerá por meio de sorteio realizado pela professora no final da aula). As escritoras previamente escolhidas são: Graça Graúna, Shirley Djukurnã krenak, Julie Dorrico, Aline Kayapó, Auritha Tabajara e Aline Pachamama. Após a divisão dos grupos e a realização do sorteio, o (a) professor(a) fornecerá orientação sobre como a pesquisa deverá ser realizada e quais aspectos irão estruturar as apresentações, a saber: breve biografia da autora, panorama de suas obras, seleção de um texto (ou trechos), suas principais lutas, seu povo e fontes consultadas.

No dia reservado para as apresentações, intencionando dinamizá-las e gerar curiosidade, o(a) professor(a) poderá pedir que cada grupo apresente uma frase-chave que servirá para descrever a autora ou suas obras. Essa frase pode ser de algum livro ou fala da própria autora, que diga da sua literatura ou da sua luta enquanto mulher indígena. Para a efetivação das apresentações, poderão ser utilizados os mais diversos recursos disponíveis, tais como: vídeo, arquivos em Word/pdf, cartolinas, *slides* (se a escola disponibilizar de projetor), entre outros. Elas serão realizadas na própria turma, permitindo uma troca de conhecimento

sobre as autoras apresentadas. Após cada apresentação, a(o) professora (o) pedirá que o grupo anexe um poema e/ou trechos de obras em prosa no quadro/mural disponibilizado em uma das paredes externas da sala de aula com os respectivos nomes das autoras. Isso fará com que, além dessa turma, outras, de outros turnos, tenham acesso à literatura indígena feminina contemporânea.

Depois de tudo que foi visto sobre a literatura indígena de autoria feminina e de todos os conhecimentos adquiridos a respeito das autoras representativas, será realizada uma avaliação das atividades por meio de questões que deverão ser entregues por escrito. É importante ressaltar que essa avaliação será feita de forma individual e não será, necessariamente, quantificada. Caso o(a) professor(a) deseje conceder nota, sugerimos que utilize a atividade em grupo sobre as autoras pesquisadas, não descuidando, claro, da avaliação continuada. Nosso intuito, com as questões abaixo, é constatar o que cada aluno(a) aprendeu e quais as dificuldades ainda existentes, bem como, considerando as respostas e relacionando-as a todo o processo, possibilitar ao(a) professor(a) realizar uma autoavaliação.

1. Com relação aos poemas e às discussões realizadas sobre cada um, de qual você gostou mais? Por quê?
2. Sobre a poeta Márcia Kambeba, o que mais lhe chamou atenção?
3. Nos poemas lidos, foram abordados temas como a importância da mulher indígena, a importância das águas para os povos originários e a questão do indígena desaldeado. Escolha o tema que mais lhe chamou atenção e discorra sobre ele, registrando seu ponto de vista.
4. Fale sobre a importância da literatura indígena de autoria feminina no meio literário.
5. Você espera realizar outras atividades parecidas nas aulas de língua portuguesa. Por quê?
6. O que você acha que poderia ter sido melhor na realização das atividades? Deixe sugestões.

Essas questões se fazem necessárias para avaliar o resultado do processo de aprendizagem de cada aluno(a), por isso, é de suma importância que seja realizada. Por meio da sequência didática básica, objetivamos fazer com que os(as) alunos(as) conhecessem a literatura de mulheres indígenas, com destaque para a poesia de Márcia Kambeba, que trazem uma contribuição importante para a autoria indígena contemporânea.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste texto, gostaríamos de enfatizar que a literatura indígena, especialmente a de mulheres, ainda tem sido pouco valorizada, tanto no âmbito escolar quanto na perspectiva mais ampla do sistema literário, o que dificulta sua

circulação e o seu devido reconhecimento. Sendo assim, pensamos que a proposta aqui apresentada pode trazer uma contribuição para um maior conhecimento dessa literatura nas escolas indígenas e não indígenas. Com ela, acreditamos e defendemos um ensino de literatura indígena contemporânea que busca estratégias que permitam a leitura do texto literário objetivando a formação do(a) leitor(a) como um(a) cidadão(ã) atento a perspectivas multiculturais. Perspectivas estas ampliadas no contato com uma literatura que traz a história de um povo que sempre lutou, de forma incansável, para firmar sua etnia e os seus direitos.

No que diz respeito ao trabalho com a poesia em sala de aula, mostramos que o uso da poesia de autoria indígena também auxilia o(a) professor(a), pedagogicamente, no fortalecimento do olhar crítico dos(as) alunos(as), já que os procedimentos sugeridos durante as atividades têm a finalidade de facilitar e direcionar o(a) estudante para uma maior autonomia na leitura literária e na percepção das identidades indígenas. É importante ressaltar que qualquer proposta de mediação do texto literário deve ser adequada para cada realidade; dito isto, destacamos que o(a) mediador(a) tem total liberdade de levar até suas turmas os mais variados textos literários, estando atento ao modo como esses textos serão trabalhados.

Ressaltamos, ainda, que nossa intenção foi, através da sequência didática básica apresentada por Cosson (2009), abordar os poemas da autora Márcia Kambeba, mostrando que é possível trabalhar com a poesia indígena de autoria feminina demonstrando sua contribuição para o aprendizado e a formação do(a) aluno(o) leitor(a), bem como permitindo o conhecimento e a valorização da cultura indígena.

Sendo a poesia de Márcia Kambeba uma poesia de resistência, que destaca a luta de um povo que busca garantir sua cultura, pode despertar interesse sobre os temas abordados em seus poemas, visto que são temas de grande relevância sobre a vida dos povos originários. E, apesar de termos pensado no público do Ensino Médio, acreditamos ser possível adequar a abordagem dos poemas considerando estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental.

Dito isso, concluímos que, por meio da sequência básica apresentada, o letramento literário realizado nas escolas tem como principal objetivo preparar os(as) alunos(as) para uma melhor compreensão do texto por meio das atividades de leitura e interpretação, levando-os(as) ao pensamento crítico. Concluímos também que a literatura indígena de autoria feminina, aqui representada pela poeta Márcia Kambeba, é de suma importância para um país que tem como povos originários dessa terra os indígenas, permitindo, assim, a valorização da sua literatura, que tem na história de suas etnias o eixo principal.

Referências

CALIXTO, Lunara Abadia Gonçalves. Vozes das mulheres indígenas em Eliane Potiguara e em Graça Graúna. **Revista Trama**, vol. 15, n. 34, p. 50-59, 2019.

COSSON, Rildo. A sequência básica. In: COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed São Paulo: Contexto, 2009.

DORRICO, Julie et al. **Literatura Indígena brasileira contemporânea**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

DORRICO, Julie. Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária. *In*: DORRICO, Julie et al. **Literatura Indígena brasileira contemporânea**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

HAKIY, Tiago. Literatura indígena – a voz da ancestralidade. *In*: DORRICO, Julie et al. **Literatura Indígena brasileira contemporânea**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay kakyri Tama (Eu moro na cidade)**. Manaus: Grafisa, 2013.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. (Série Saberes Tradicionais).

KAMBEBA, Márcia Wayna. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. *In*: DORRICO et al. **Literatura Indígena brasileira contemporânea**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Márcia Wayna Kambeba, geógrafa: "Abre-se um novo papel para a mulher indígena"**. [Entrevista concedida a] Jacqueline Costa. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/conte-algo-que-nao-sei/marcia-wayna-kambeba-geografa-abre-se-um-novo-papel-para-mulher-indigena-21566839> Acesso em 14 out. 2021.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **A poeta indígena que luta pelos direitos da mulher nas aldeias**. [Entrevista concedida a] Heloisa Aun. *Catraca Livre*, 2019. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/poeta-indigena-que-luta-pelos-direitos-da-mulher-nas-aldeias/> Acesso em 14 out. 2021.

THIÉL, Janice Cristine. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013.

Para citar este artigo

MARQUES, M. L. de L.; LIMA, V. M. de. Márcia Kambeba e a poesia indígena na escola. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 8, 2021, p. 542-562.

As autoras

MOAMA LORENA DE LACERDA MARQUES possui Doutorado em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba. Foi professora do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte entre os anos de 2009 e 2016, lecionando Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Atualmente, é professora de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras da UFPB, Campus IV, atuando na graduação em Letras e vinculada ao PROFLETRAS. É uma das líderes do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq Laboratório de Estudos de Poesia. Suas pesquisas mais recentes se concentram na poesia contemporânea de autoria feminina de língua portuguesa e no ensino de literatura.

VANEIDE MARIA LUNA DE LIMA é graduanda em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba/Campus IV.